



BOLETIM

GEOCORRENTE

ANO 6 • Nº 110 • 13 DE FEVEREIRO DE 2020

O Boletim Geocorrente é uma publicação quinzenal do Núcleo de Avaliação da Conjuntura (NAC), vinculado à Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação (SPP) da Escola de Guerra Naval (EGN). O NAC acompanha a Conjuntura Internacional sob o olhar teórico da Geopolítica, a fim de fornecer mais uma alternativa para a demanda global de informação, tornando-a acessível e integrando a sociedade aos temas de segurança e defesa. Além disso, proporciona a difusão do conhecimento sobre crises e conflitos internacionais procurando corresponder às demandas do Estado-Maior da Armada.

O Boletim tem como finalidade a publicação de artigos compactos tratando de assuntos atuais de dez macrorregiões do globo, a saber: América do Sul; América do Norte e Central; África Subsaariana; Oriente Médio e Norte da África; Europa; Rússia e ex-URSS; Sul da Ásia; Leste Asiático; Sudeste Asiático e Oceania; Ártico e Antártica. Ademais, algumas edições contam com a seção "Temas Especiais".

O grupo de pesquisa ligado ao Boletim conta com integrantes de diversas áreas do conhecimento, cuja pluralidade de formações e experiências proporcionam uma análise ampla da conjuntura e dos problemas correntes internacionais. Assim, procura-se identificar os elementos agravantes, motivadores e contribuintes para a escalada de conflitos e crises em andamento, bem como seus desdobramentos.

NORMAS DE PUBLICAÇÃO

Para publicar nesse Boletim, faz-se necessário que o autor seja pesquisador do Grupo de Geopolítica Corrente, do NAC e submeta seu artigo contendo até 350 palavras ao processo avaliativo por pares.

Os textos contidos neste Boletim são de responsabilidade exclusiva dos autores, não retratando a opinião oficial da EGN ou da Marinha do Brasil.

CORRESPONDÊNCIA

Escola de Guerra Naval – Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação.

Av. Pasteur, 480 - Praia Vermelha – Urca - CEP 22290-255 - Rio de Janeiro/RJ - Brasil

TEL.: (21) 2546-9394 | E-mail: geocorrentenac@gmail.com

Esta e as demais edições do BOLETIM GEOCORRENTE, em português e inglês, poderão ser encontrados na home page da EGN:

<https://www.marinha.mil.br/egn/boletim_geocorrente>



DIRETOR DA ESCOLA DE GUERRA NAVAL
CONTRA-ALMIRANTE EDGAR LUIZ SIQUEIRA BARBOSA

**SUPERINTENDENTE DE PESQUISA E PÓS
GRADUAÇÃO DA ESCOLA DE GUERRA NAVAL**
CONTRA-ALMIRANTE (RM1) MARCIO MAGNO DE FARIAS FRANCO E SILVA

CONSELHO EDITORIAL
EDITOR RESPONSÁVEL
CAPITÃO DE MAR E GUERRA (RM1) LEONARDO FARIA DE MATTOS (EGN)

EDITOR CIENTÍFICO
CAPITÃO DE MAR E GUERRA (RM1) FRANCISCO E. ALVES DE ALMEIDA (EGN)

EDITORES ADJUNTOS
1º TENENTE (RM2-T) JANSEN COLI CALIL N. ALMEIDA DE OLIVEIRA (EGN)
JÉSSICA GERMANO DE LIMA SILVA (EGN)
NOELE DE FREITAS PEIGO (FACAMP)
PEDRO ALLEMAND MANCEBO SILVA (UFRJ)

DESIGN GRÁFICO
MATHEUS BRUNO FERREIRA ALVES PEREIRA (UFRJ)

DIAGRAMAÇÃO
RODRIGO ÁBREU DE BARCELLOS RIBEIRO (UFRJ)

PEQUISADORES DO NÚCLEO DE AVALIAÇÃO DA CONJUNTURA

ÁFRICA SUBSAARIANA

FRANCO NAPOLEÃO AGUIAR DE ALENCASTRO GUIMARÃES (PUC-RIO)
ISADORA JACQUES DE JESUS (UFRJ)
JOÃO VICTOR MARQUES CARDOSO (UNIRIO)
VIVIAN DE MATTOS MARCIANO (UFRJ)

AMÉRICA DO NORTE E CENTRAL

ANA CLÁUDIA FERREIRA DA SILVA (UFRJ)
CAROLINA CÔRTEZ GÓIS (PUC-RIO)
JÉSSICA PIRES BARBOSA BARRETO (EGN)
VICTOR CABRAL RIBEIRO (UFRJ)
VICTOR EDUARDO KALIL GASPAR FILHO (EGN)

EUROPA

ARIANE DINALLI FRANCISCO (UNIVERSITÄT OSNABRÜCK)
DOMINIQUE MARQUES DE SOUZA (UFRJ)
GLAYCE KEROLIN RODRIGUES MAXIMIANO (UFRJ)
MATHEUS SOUZA GALVES MENDES (EGN)
MELISSA ROSSI (SUFFOLK UNIVERSITY)
NATHÁLIA SOARES DE LIMA DO VALE (UERJ)
THAÏS ABYGAËLLE DEDEO (UNIVERSITÉ DE PARIS 3)

ORIENTE MÉDIO & NORTE DA ÁFRICA

ANA LUIZA COLARES CARNEIRO (UFRJ)
ANDRÉ FIGUEIREDO NUNES (ECEME)
PEDRO DA SILVA ALBIT PENEDO (UFRJ)
SHAKILA DE SOUSA AHMAD (UFRJ)

SUDESTE ASIÁTICO & OCEANIA

MATHEUS BRUNO FERREIRA ALVES PEREIRA (UFRJ)
THAYNÁ FERNANDES ALVES RIBEIRO (UFF)
VINÍCIUS DE ALMEIDA COSTA (EGN)

TEMAS ESPECIAIS

ALESSANDRA DANTAS BRITO (EGN)
LOUISE MARIE HUREL SILVA DIAS (LONDON SCHOOL OF ECONOMICS)

AMÉRICA DO SUL

ADRIANA ESCOSTEGUY MEDRONHO (EHES)
BEATRIZ MENDES GARCIA FERREIRA (UFRJ)
CARLOS HENRIQUE FERREIRA DA SILVA JÚNIOR (UFRJ)
GABRIELA DE ASSUMPTÃO NOGUEIRA (UFRJ)
JOÃO FELIPE DE ALMEIDA FERRAZ (UFRJ)
PEDRO EMILIANO KILSON FERREIRA (UNIVERSIDADE DE SANTIAGO)

ÁRTICO & ANTÁRTICA

ANA CAROLINA FERREIRA LAHR (EGN)
GABRIELE MARINA MOLINA HERNANDEZ (UFF)
LAILA NEVES LORENZON (UFRJ)
PEDRO ALLEMAND MANCEBO SILVA (UFRJ)
RAPHAELLA DA SILVA DIAS COSTA (UFRJ)

LESTE ASIÁTICO

JOÃO PEDRO RIBEIRO GRILO CUQUEJO (IBMEC)
MARCELLE TORRES ALVES OKUNO (IBMEC)
PHILIPPE ALEXANDRE JUNQUEIRA (UERJ)
RODRIGO ÁBREU DE BARCELLOS RIBEIRO (UFRJ)
VINÍCIUS GUIMARÃES REIS GONÇALVES (UFRJ)

RÚSSIA & Ex-URSS

JOSÉ GABRIEL DE MELO PIRES (UFRJ)
LUIZA GOMES GUITARRARI (UFRJ)
PEDRO MENDES MARTINS (ECEME)
PÉRSIO GLÓRIA DE PAULA (UFF)

SUL DA ÁSIA

JOÃO MIGUEL VILLAS-BOAS BARCELLOS (UFRJ)
MARINA SOARES CORRÊA (UFRJ)
REBECA VITÓRIA ALVES LEITE (EGN)

ÍNDICE

AMÉRICA DO SUL

- Cenário regional de incertezas: desafios para Chile e Bolívia 4
- Aliança do Pacífico: um panorama da possível inclusão equatoriana 4

AMÉRICA DO NORTE & CENTRAL

- Quarto porta-aviões classe Gerald Ford é batizado em meio a atrasos em sua construção 5
- Dez anos depois: o Haiti que permanece quase igual a antes 5

ÁFRICA SUBSAARIANA

- Os reflexos imperialistas na região insular ao norte do Oceano Índico 6

EUROPA

- Reino Unido de volta ao tabuleiro internacional 6

ORIENTE MÉDIO & NORTE DA ÁFRICA

- O “Acordo do Século” de Trump e sua capacidade de fomentar mais instabilidade na região 7
- Disputa marítima entre Marrocos e Espanha 8

RÚSSIA & Ex-URSS

- O DEFENDER-Europe 20 e as tensões entre a Rússia e o Ocidente 9

LESTE ASIÁTICO

- China se torna a segunda maior fabricante de armamentos do mundo 9
- Protegendo um gigante: o contratorpedeiro classe Type 055 Nanchang é lançado ao mar 10

SUL DA ÁSIA

- Paquistão sob a rivalidade sino-americana 10

SUDESTE ASIÁTICO & OCEANIA

- Vulnerabilidade no projeto submarino australiano: possível quebra de contrato? 11

ÁRTICO & ANTÁRTICA

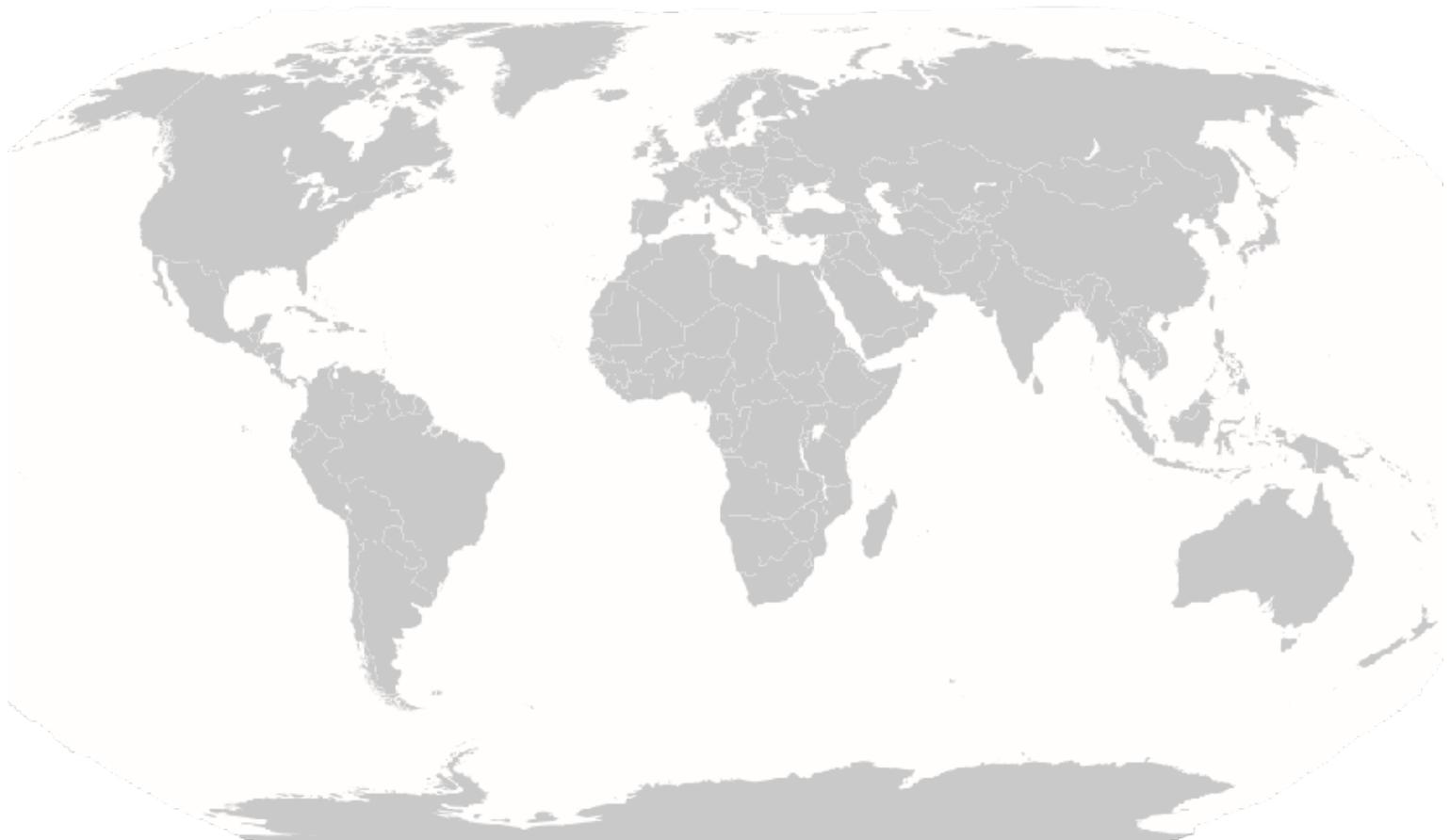
- Expedição dos navios russos: 200 anos da descoberta da Antártica 12

Artigos Selecionados & Notícias de Defesa 13

Calendário Geocorrente 13

Referências 14

REGIÕES ABORDADAS NESTA EDIÇÃO



Clique no círculo para ser redirecionado ao texto relacionado

Cenário regional de incertezas: desafios para Chile e Bolívia

Pedro Kilson

Passaram-se três meses desde que o *estallido* social preencheu o cotidiano dos chilenos, configurando mais um ponto de instabilidade político-econômica e social na América do Sul. Os últimos meses representaram não somente a maior crise política enfrentada por um governo no período democrático, como também materializam um cenário de incertezas e reestruturações no Chile. Existe a possibilidade de uma nova Constituição, legitimada por um plebiscito, bem como o aprofundamento de uma crise econômica que transborda as fronteiras do país – crescimento de apenas 1%, para 2019. A Bolívia, também passa por uma conjuntura de instabilidade e polarizações domésticas, intensificando um quadro de desafios políticos para a região, já bastante afetada por problemas econômicos de ordem estrutural.

No Chile, o acordo político, direcionado à reestruturação constitucional, configura o principal desdobramento das manifestações, isto considerando a assinatura pelo presidente Sebastián Piñera de um decreto que convoca os cidadãos a um plebiscito, em 26 de abril de 2020. Na ocasião, os chilenos deverão pronunciar-se sobre a possibilidade de aprovar ou rechaçar uma nova Constituição, bem como seus mecanismos de transformação. Discutem-se duas possibilidades: o estabelecimento de uma Assembleia Constituinte, com a

totalidade de seus membros eleitos, ou uma convenção constitucional mista, integrada por cidadãos eleitos e parlamentares. Partidos políticos e organizações sociais começaram as campanhas de apoio à nova constituinte (*Si*) e do rechaço a ela (*No*), assim, assinalando um campo político, polarizado e produto do cenário da instabilidade dos últimos meses. As manifestações sofreram redução em sua intensidade, frente às tentativas governamentais de imposição de “normalidade” na ordem pública.

O cenário político boliviano também representa instabilidade para além de suas fronteiras. O governo de Jeanine Áñez rompeu relações diplomáticas com Cuba, meses após proibir a presença de médicos cubanos no país, num contexto de desgaste diplomático e ofensas mútuas entre os respectivos chanceleres. Os bolivianos se preparam para as eleições de 3 de maio de 2020, em meio a um ambiente de narrativas polarizadas: por um lado, oficializa-se a candidatura de Áñez; de outro, o *Movimiento para el Socialismo* (MAS) lança Luis Arce como representante da política de Evo Morales. Além de apresentarem um histórico marcado por crises, Chile e Bolívia compartilham fragilidades estruturais: economias monoexportadoras e a dificuldade de desenvolverem diálogos internos. Os próximos meses devem ser bastante tensos para os dois países.

Aliança do Pacífico: um panorama da possível inclusão equatoriana

Carlos Henrique Ferreira

No final de janeiro de 2020, representantes do Equador e do México reuniram-se em Quito para a primeira rodada de negociações do *Acuerdo de Integración Productiva*, considerado como primordial para a inclusão do país sul-americano na Aliança do Pacífico. Fundado em 2011, o bloco é formado por Chile, Colômbia, México e Peru, possuindo 59 países observadores. Em 2018, o Equador solicitou o início do processo de incorporação como Estado Associado, e sua petição foi aprovada em 2019 pelos membros fundadores.

Apesar de tardio, observa-se um novo olhar geoeconômico equatoriano tanto para a relação com os membros quanto para com o dinamismo econômico da região do Pacífico, principal foco da Aliança. Segundo dados da revista *Nueva Sociedad*, o bloco representa cerca de 38% do PIB da região e cerca de 41% do investimento estrangeiro direto na América do Sul, Central e Caribe. Entretanto, apesar dos aparentes ganhos econômicos, diversos setores da indústria equatoriana temem a desindustrialização, a diferença de moedas e de salários, especialmente em relação ao México.

Do ponto de vista geopolítico, ressalta-se que, apesar

do Equador ser um país de pequena extensão territorial, possui caráter andino e amazônico, além de ter todo seu litoral voltado para o Oceano Pacífico. Aspirando a um aumento no comércio marítimo, cabe observar que o relatório de atividades portuárias da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL) de 2018 indicou o porto de Guayaquil como 7º em movimentação de carga dos 118 portos avaliados. Considerando os 10 primeiros, o mesmo porto figurou em 5º na variação de crescimento de 2017-2018. Contudo, há de se considerar uma nova estratégia de modernização da infraestrutura portuária (e de logística integrada), uma vez que os outros 3 portos equatorianos avaliados em movimentação de carga ocupam as 60º, 79º e 118º posições.

Por fim, ainda que precise responder efetivamente aos desafios de infraestrutura e da indústria local, destaca-se que, com a possível elevação do Equador ao *status* de Estado Associado, todo o litoral Pacífico da América do Sul estará alinhado num mesmo bloco, podendo, assim, almejar uma posição de *hub* logístico-portuário ou ainda de ponte ultramarina como principal porta de entrada para e das economias da região Ásia-Pacífico.

Quarto porta-aviões classe Gerald Ford é batizado em meio a atrasos em sua construção

Victor Gaspar Filho

A quarta unidade dos porta-aviões da classe *Gerald Ford* (CVN-80) será batizada de *Doris Miller*, em homenagem ao marinheiro herói em Pearl Harbor e primeiro afro-americano a receber a Medalha Cruz da Marinha. A classe *Ford* prevê a construção de 10 unidades, dos quais o segundo se chamará *John F. Kennedy* e o terceiro, *Enterprise*. A incorporação da primeira unidade, avaliada em US\$13.1 bilhões, foi postergada de 2018 para 2024.

As embarcações, de 335 metros de comprimento e 100.000 toneladas, são dotadas de dois reatores nucleares A1B e têm sua velocidade máxima estimada como superior a 30 nós. Dentre os saltos qualitativos programados está a triplicação da capacidade de geração de energia em relação à classe anterior. Após o ciclo de testes da classe *Ford*, serão os jatos *F-35C* as principais aeronaves que decolarão de seus convoos. A meta para a temporada de testes é de 7.000 a 8.000 lançamentos e pousos, fazendo que o ciclo operativo dure até 18 meses. A capacidade prevista de lançamentos é de 160 aeronaves em um período de 12 horas por dia, um incremento de 40 lançamentos em relação aos da antiga classe *Nimitz*,

ainda em operação.

Ao incorporar a primeira unidade da classe, a Esquadra estadunidense terá novamente 11 porta-aviões, quantidade prevista como mínima para a Força Naval. Porém, a classe *Ford* enfrenta problemas para alcançar as metas programadas de custo de manutenção, necessidade de pessoal a bordo e prazos de instalação de tecnologias. O último *Force Structure Assessment* (FSA), plano de aquisições da Força, elaborado em 2016, previa uma Esquadra com 350 navios. Contudo, a parcela do último orçamento estadunidense destinada à Defesa é de US\$ 741 bilhões, enquanto as aquisições foram planejadas para um cenário de US\$ 757 bilhões, dificultando a manutenção de mais de 310 navios.

Os atrasos na prontificação do *Gerald Ford*, somados às restrições orçamentárias e ao progressivo aprimoramento tecnológico dos meios autônomos aquecem o debate dentro dos Estados Unidos acerca da relevância de um investimento desse porte em porta-aviões. A discussão corrente questiona se a relação custo-benefício permanece vantajosa para os detentores desses meios no moderno ambiente de combate do século XXI.

Dez anos depois: o Haiti que permanece quase igual a antes

Victor Cabral

Em 12 de janeiro de 2020, o Haiti completou 10 anos do terremoto de 7.0 graus na Escala Richter, que matou mais de 200 mil pessoas e fragilizou ainda mais o país mais pobre do continente. O Brasil comandava o componente militar da Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti (MINUSTAH), e teve também vítimas fatais, como a da fundadora da Pastoral da Criança, Sra. Zilda Arns, a do Vice-Diretor da missão, o diplomata Luiz Carlos Costa, além de 18 militares. Desde então, o Haiti vive numa espiral de dependência de apoio externo para se reerguer.

O terremoto mostrou o quão vulneráveis a desastres naturais os haitianos são e abriu espaço para o aumento de fluxos migratórios forçados na região, bem como para uma epidemia de cólera que matou mais de 9 mil pessoas. O episódio também reafirmou que o Estado era frágil para contornar os estragos e evitar convulsões sociais, necessitando da ajuda internacional para manter-se. Nos últimos anos, a economia haitiana estagnou, ainda mais quando organizações internacionais perderam o interesse em investir no país. Com a crise da *PetroCaribe* e a suspensão de auxílios financeiros da Venezuela, somados

à alta nos preços dos combustíveis e a escândalos de corrupção por desvios de verbas para a reconstrução do país, os nacionais têm voltado às ruas desde o início de 2019 para protestar contra o governo e sua situação de vulnerabilidade ainda latente.

A estabilização do Haiti pela qual a comunidade internacional lutou ao longo de 13 anos parece hoje não ter sido tão eficaz, visto que o sistema de saúde está prestes a colapsar e a crise política toma conta do país novamente. Em janeiro de 2020, todos os deputados e 2/3 dos senadores perderam seus mandatos pela não realização das eleições gerais de outubro de 2019. O atual presidente, Jovenel Moïse, está governando o país por decreto e sem o Legislativo. O presidente pretende reformar a Constituição sozinho para dar maiores poderes à presidência enquanto segue impopular nas ruas. O temor de uma insurreição popular é tanto que o Secretário de Estado dos Estados Unidos, Mike Pompeo, pediu recentemente que novas eleições sejam realizadas o mais rapidamente possível para que se tenha legitimidade em governar o país que ainda segue destruído e instável.

Os reflexos imperialistas na região insular ao norte do Oceano Índico

Isadora Jacques

No dia 25 de fevereiro de 2020, completará um ano da decisão da Corte Internacional de Justiça (CIJ) que determinou a devolução da administração do Arquipélago de Chagos às Ilhas Maurício. Assim como foi salientado no [Boletim 92](#), o Reino Unido estabelece o domínio da região desde 1965, após a expulsão de mais de mil habitantes insulanos com o intuito de erguer uma base militar na região. Na principal ilha do arquipélago, Diego Garcia, instalou-se estrategicamente a mais importante infraestrutura militar norte-americana no Oceano Índico, que adquiriu bastante relevância na Guerra Fria (1947-1991), nos bombardeios ao Afeganistão após o 11 de setembro de 2001 e nos conflitos contra o Iraque de 1991 e 2003. O Reino Unido cedeu a ilha para os EUA em 1966 e estima-se que lá estejam servindo cerca de 4 mil militares/civis das Forças Armadas dos EUA e alguns poucos britânicos. Diego Garcia é o único território ultramarino britânico no Índico.

No fim de novembro de 2019, encerrou-se o prazo concedido pela Assembleia Geral das Nações Unidas para a retirada da administração inglesa sobre a região, e, até o presente momento, nada foi feito para reestruturar a gestão das Ilhas Maurício sobre o território. Recentemente, a posição estratégica da base militar foi evidenciada ao receber, diretamente do Pentágono, seis bombardeiros estratégicos para que, caso necessário seja, possam atingir Teerã na escalada de tensões militares entre Estados Unidos e Irã. Atualmente, Diego Garcia

está fora do alcance dos mísseis iranianos, diferentemente das demais bases estadunidenses no Oriente Médio, o que reafirma a sua importância estratégica.

O exílio sofrido pelos antigos moradores da ilha e o não cumprimento por parte do governo britânico da decisão da CIJ, ao se recusar a conferir à soberania africana o Arquipélago de Chagos, demonstra o quão enfraquecidas as instituições globais, como a ONU, estão e reforça a percepção sobre os verdadeiros instrumentos de poder que interessam.



EUROPA

Reino Unido de volta ao tabuleiro internacional

Matheus Mendes

Após a vitória de Boris Johnson em dezembro de 2019, mantendo os Conservadores no governo britânico, o Reino Unido finalmente chegou a uma decisão a respeito do Brexit, com a aprovação do Parlamento em janeiro de 2020 e a saída definitiva no dia 31 do mesmo mês. Desde junho de 2016, quando o resultado do referendo foi favorável ao Brexit, foram 3 anos e meio de negociações, discussões e muitas mudanças na composição do Parlamento, com duas eleições gerais e 3 primeiros-ministros.

No entanto, o processo do Brexit está longe de terminar. O fato é que o Reino Unido decidiu como deseja sair da UE. Porém, apesar de algumas definições serem tomadas agora, como a saída integral da União Aduaneira (*Customs Union*), permitindo que os britânicos negociem

com países de fora da instituição, a principal questão que permanece indefinida é a da Irlanda do Norte. Apesar de o novo plano de Johnson, na prática, resolver o imbróglio referente à região descentralizada, mantendo a Irlanda do Norte no Mercado Comum (*Single Market*), ele apenas posterga a decisão para o período de transição que termina, a princípio, em dezembro de 2020.

Ainda que esta indefinição continue na mesa, o Reino Unido pode, finalmente, dar novos rumos à sua política externa, sobretudo no campo econômico. Em matéria de Defesa, este ano será crucial em função da renovação de seu principal documento estratégico (*Strategic Security and Defence Review*), editado pela última vez em 2015. Por outro lado, o pleito de independência escocesa volta à tona, uma vez que a Escócia votou em peso pela»

permanência do Reino Unido na UE, o que ocorreu após o referendo de 2014, que decidiu pela manutenção do governo descentralizado escocês ligado à Coroa.

Outro ponto interessante a se acompanhar é a conhecida "relação especial" entre o país e os EUA. No cenário atual, Donald Trump acena desde o início de seu mandato presidencial que os países europeus

precisam investir mais na OTAN. Independentemente do resultado eleitoral americano deste ano, a ideia de que a Europa deveria pagar mais pela segurança comunitária deve permanecer e ser uma pauta frequente nas relações bilaterais, ainda que o Reino Unido possua menor poder político no Concerto Europeu após os eventos do Brexit.

ORIENTE MÉDIO & NORTE DA ÁFRICA

O "Acordo do Século" de Trump e sua capacidade de fomentar mais instabilidade na região

Pedro Albit

No dia 28 de janeiro de 2020, o presidente norte-americano Donald Trump anunciou seu esperado plano de paz para o Oriente Médio, em conjunto com o primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu. Apresentado como solução para as reivindicações israelenses e palestinas, o plano sofreu forte resistência por grande parte dos países árabes, os quais alegaram que este legitima as ocupações israelenses e golpeia aspirações palestinas.

Segundo o plano de Trump, territórios relevantes para a segurança de Israel serão de seu controle soberano, como o Vale do Jordão e as Colinas de Golã. Jerusalém deve ser reconhecida como a capital indivisível do Estado de Israel e as águas territoriais de Gaza devem permanecer sob controle israelense. O território palestino, portanto, não seria contíguo, tendo suas partes ligadas por rodovias e ferrovias que passam por territórios soberanos israelenses. Para o futuro Estado palestino, há a proposta de US\$ 50 bilhões em investimentos em infraestrutura sob algumas condições: a Palestina deve reconhecer o Estado de Israel e Jerusalém como sua capital, enquanto a capital palestina deverá alocar-se em Jerusalém Oriental. A Faixa de Gaza deve ser desmilitarizada, o governo do

novo Estado não deverá conter integrantes do Hamas ou qualquer ligação com este e, para suposta maior eficácia dos investimentos, a Palestina deverá fazer uma reforma pela qual crie instituições capazes de adequar a economia do futuro Estado às regras de comércio internacional e das instituições financeiras ocidentais.

Essa limitação da soberania do novo Estado da Palestina foi fonte de profundas críticas pelos árabes. O presidente palestino, Mahmoud Abbas, afirmou que deve levar a rejeição ao plano ao Conselho de Segurança da ONU, ao passo que em 1º de fevereiro a Liga Árabe promoveu uma reunião de emergência pela rejeição do plano, assim como a Organização para a Cooperação Islâmica no dia 03. A tensão tem aumentado na região desde então, com a intensificação de bombardeios entre grupos na Faixa de Gaza e em Israel. A isso soma-se também, no dia 05 de fevereiro, uma convocação do aiatolá Ali Khamenei, do Irã, para que a jihad palestina vá à guerra contra Israel. O conflito tende a escalar conforme Israel realmente aproveitar o sinal verde dado por Trump para anexar suas ocupações e estimular a união dos árabes nesta causa.



Disputa marítima entre Marrocos e Espanha

André Nunes

No dia 22 de janeiro de 2020, o plenário da Câmara de Representantes do Marrocos votou e aprovou duas leis que estendem suas fronteiras marítimas. A admissão das leis confirmou aprovação anterior em comissão da Câmara no dia 16 de dezembro de 2019. Todavia, a expansão dos limites marítimos do Marrocos só passará a ser reconhecida internamente de forma legítima após a aprovação do Senado e a sanção por parte do rei Maomé VI.

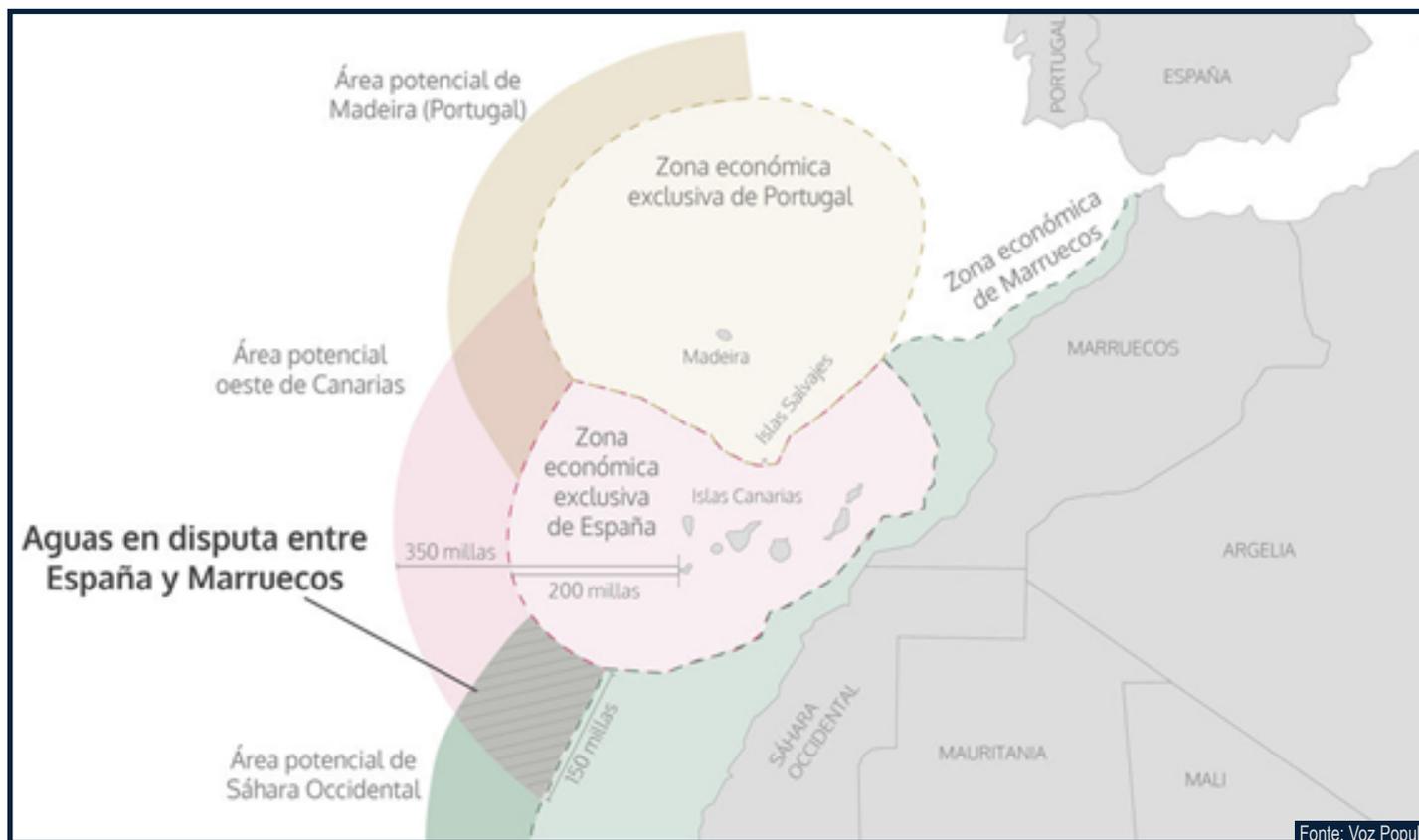
A decisão marroquina entra em colisão com interesses da Espanha no Oceano Atlântico, já que, em 2014, o Estado ibérico pleiteou a ampliação da plataforma continental das Ilhas Canárias junto à Organização das Nações Unidas (ONU). As Canárias são ilhas espanholas localizadas a aproximadamente 100 quilômetros de distância da costa do Saara Ocidental, território reivindicado pelo Marrocos.

Vale ressaltar que a disputa marítima gerada a partir da decisão da câmara baixa marroquina não diz respeito à posse das Canárias, mas, sim, da sobreposição de zonas de interesse em águas próximas do arquipélago, em especial da região onde se encontra o monte submarino Tropic, rico em minerais como telúrio, material utilizado

para fabricação de painéis solares, e cobalto, usado para a produção de carros elétricos. É estimado que no *Tropic* exista cobalto suficiente para abastecer 277 milhões de automóveis desse tipo. O país que tiver jurisdição sobre essa área do oceano terá o direito de explorar as riquezas do leito marinho e de seu subsolo, o que incluiria o *Tropic*.

A aprovação da Câmara dos Representantes ocorreu dois dias antes da visita oficial da então recém-empossada Ministra das Relações Exteriores da Espanha, Arancha González Laya, ao Marrocos. Em encontro com sua contraparte, o marroquino Nasser Burita, ambos afirmaram o compromisso de cooperação para que nenhuma medida seja aplicada de forma unilateral, sem comunicação prévia, por nenhum dos países.

Mesmo se o Senado aprovar e o rei Maomé VI sancionara a extensão das fronteiras marítimas marroquinas, tal movimento não teria validade internacional sem o respaldo da ONU. Além disso, como parte da ampliação abrange a costa do Saara Ocidental, o Marrocos não teria legitimidade sobre o Mar Saaraui. Assim, embora exerça seu direito soberano de legislar, sob a égide do direito internacional, o Marrocos ainda precisaria vencer algumas etapas para fazer valer seus interesses.



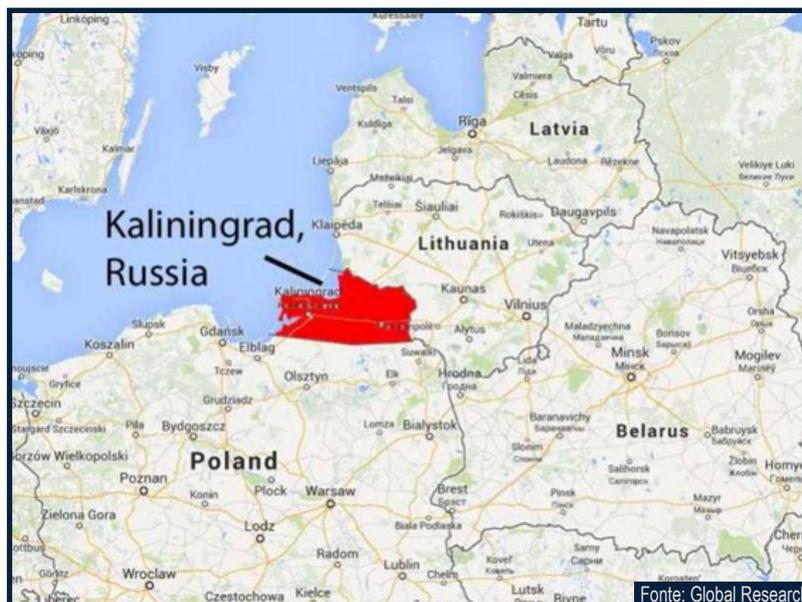
O DEFENDER-Europe 20 e as tensões entre a Rússia e o Ocidente

Durante o mês de janeiro de 2020, a Rússia realizou uma série de exercícios militares de pequeno e médio porte em diversas áreas do país e também em seu exterior próximo. Foram realizados exercícios navais no Mar Cáspio e no Mar Negro, que contaram com a utilização de navios de superfície e submarinos. Os exercícios terrestres ocorreram principalmente no Sul da Rússia e na região dos Urais, onde se deu ênfase ao treinamento com blindados e infantaria. Já os exercícios aéreos foram realizados em apoio aos exercícios navais e terrestres, assim como houve missões autônomas no Ártico e na Sibéria, com treinamentos de interceptação e testes de mísseis.

A execução de exercícios militares já é considerada uma atividade de Defesa recorrente na Rússia, que serve tanto para manter a preparação das forças e analisar as capacidades gerais quanto para exibir as capacidades bélicas do país. Entretanto, a grande quantidade de exercícios realizados nesse período é considerada um ponto fora da curva. Essa atuação pode ser entendida como uma resposta, principalmente, ao anúncio de dois exercícios militares da OTAN de grande escala,

Pérsio Glória de Paula
o *Cold Response*, que ocorrerá no Mar da Noruega, e o *DEFENDER-Europe 20 (DEFENDER-20)*, que será o maior exercício militar da aliança em 25 anos e contará com 36 mil militares de 11 países. Destaca-se, ainda, que o *DEFENDER-20* terá diversos estágios realizados em áreas fronteiriças com a Rússia, expondo a vulnerabilidade geopolítica do enclave russo de Kaliningrado – situado entre a Polônia e a Lituânia, ambas participantes no evento. Além da Polônia e dos Países Bálticos, a Geórgia, que não é um membro da aliança e que esteve envolvida em uma guerra contra Moscou em 2008, também participará do exercício.

Moscou demonstrou insatisfação com a elaboração do exercício e criticou a atuação da aliança. Autoridades militares e diplomáticas da Rússia reforçaram tanto a necessidade de aumentar o nível de alerta das tropas quanto o direito de responder à altura. A Rússia também já anunciou que realizará exercícios navais no Mar da Noruega em fevereiro, em zonas próximas à infraestruturas críticas de energia para a Europa. Os desdobramentos dessa situação podem acirrar as tensões entre o país e o Ocidente.



LESTE ASIÁTICO

China se torna a segunda maior fabricante de armamentos do mundo

No dia 27 de janeiro de 2020, o *Stockholm International Peace Research Institute (SIPRI)* divulgou um relatório indicando que a República Popular da China tornou-se o segundo maior fabricante de armamentos do mundo. O relatório estima que a indústria bélica chinesa atingiu um faturamento de cerca de US\$ 75 bilhões em 2017, à frente dos US\$ 35 bilhões faturados pela Rússia e superado apenas pelos US\$ 226

bilhões da indústria dos Estados Unidos.

Entre a década de 1950 e o final da década de 1960, a União Soviética (URSS) era a principal exportadora de armamentos para Pequim. Entretanto, com o auge da ruptura sino-soviética, materializada com os conflitos fronteiriços entre os dois países no final da década de 1960, a China passou a buscar novas fontes de importação de material bélico, como os Estados Unidos, a França,»

Rodrigo Abreu

o Reino Unido, Israel e Egito. Durante a década de 1970, a indústria bélica chinesa deu importantes passos para a sua modernização, entretanto os equipamentos produzidos no país ainda eram considerados obsoletos quando comparados aos equipamentos das principais potências militares da época. A partir do fim da década de 1980, com a dissolução da URSS, a Rússia passou a ser o principal exportador de armamentos e tecnologia para a China.

Segundo o relatório do SIPRI, a expansão da indústria bélica chinesa fez que o país se tornasse cada vez menos dependente de armamentos e tecnologia do exterior. Estima-se que, entre 1999 e 2018, a demanda chinesa por importação de armamentos caiu 50% (enquanto a exportação subiu 208%). Entretanto, mesmo com essa

redução, é importante ressaltar que Pequim ainda importa uma série de armamentos da Rússia, como o sistema antimísseis *S-400* e diversas unidades do caça *Sukhoi Su-35*.

O crescimento da indústria bélica chinesa faz parte de uma série de políticas e reformas anunciadas pelo presidente Xi Jinping nos últimos anos. Com essas medidas, a China busca modernizar suas Forças Armadas até 2035 e tornar-se uma superpotência militar, com capacidade de atuação global, até 2050. Contudo, apesar do surpreendente desempenho chinês, para alcançar esses objetivos o país agora deve focar em como diminuir a grande lacuna entre sua indústria bélica e a indústria norte-americana.

Protegendo um gigante: o contratorpedeiro classe Type 055 Nanchang lançado ao mar

Vinicius Costa

Um ritmo frenético pode ser observado nos estaleiros da República Popular da China (RPC). Apenas em 2019, a RPC lançou um total de 24 navios para a *People's Liberation Army Navy* (PLAN). E 2020 mostra que será mais um ano de feitos significativos no setor naval em termos quantitativos e qualitativos.

No dia 12 de janeiro de 2020, em uma grande cerimônia no porto de Qingdao, província de Shandong, a PLAN comissionou o primeiro contratorpedeiro (CT) da classe *Type 055 Nanchang*. A referida classe, lançada em junho de 2017, desloca 10.000 toneladas, possui um sistema vertical de lançamento de mísseis (VLS, na sigla em inglês) com 112 células que podem empregar uma ampla gama de mísseis antiaéreos (HHQ-9), antisuperfície (YJ-18), mísseis de ataque ao solo (CJ-10), além de mísseis e torpedos de emprego antissubmarino (AS). Pode embarcar 2 helicópteros de emprego AS do tipo *Changhe Z-18F*, mas apesar disso, é caracterizado como um CT de emprego geral.

Esta nova classe de CT a ser empregada pela PLAN é

considerada a quarta desse tipo de navio empregada pela PLAN. Embora na RPC a classe *Type 055 Nanchang* seja designada como um contratorpedeiro, muitos analistas ocidentais a consideram um cruzador de mísseis guiados, comparável às classes *Ticonderoga* (EUA) ou *Slava* (Rússia) devido ao tamanho e ao poder de fogo.

No entanto, o fato mais significativo em relação aos navios dessa nova classe é a missão que receberão, sendo cotados para serem os principais navios escolta dos porta-aviões chineses. Isto demonstra um grande salto tecnológico para a RPC, pois a formação de um *Strike Group* nucleado por um porta-aviões requer embarcações com capacidades oceânicas/expedicionárias e sistemas de combate em estado da arte, além de uma cadeia logística consolidada e tripulações aprestadas. E o principal: a evolução de uma Marinha costeira para uma Marinha expedicionária capaz de empregar seu poder de fogo para áreas cada vez mais distantes, na marcha para uma Marinha de atuação global. Sinal de alerta para os Estados vizinhos de toda a Ásia.

SUL DA ÁSIA

Paquistão sob a rivalidade sino-americana

Rebeca Leite

Nos bastidores da 50ª edição do Fórum Econômico Mundial (realizado em Davos), que ocorreu entre os dias 21 e 24 de janeiro de 2020, houve um encontro entre o presidente estadunidense Donald Trump e o primeiro-ministro do Paquistão, Imran Khan. Na ocasião, Trump declarou que os Estados Unidos da América (EUA) e o Paquistão nunca estiveram tão próximos como agora. Esta notícia chama atenção, uma vez que as últimas declarações de Washington estiveram pautadas em acusar o Paquistão de patrocinar o terrorismo.

A postura enfática da administração Trump culminou na redução da ajuda financeira e militar à Islamabad em aproximadamente US\$ 1,3 bilhão, campanha para que as organizações internacionais incluíssem o Paquistão na *grey list*, lista de países que financiam o terrorismo, além de dificultar empréstimos ao Paquistão em instituições como o Fundo Monetário Internacional. T tamanha mudança de discurso pode ser analisada sob duas perspectivas: os EUA entendem que precisam da ajuda do Paquistão para vencer a guerra em curso >>>

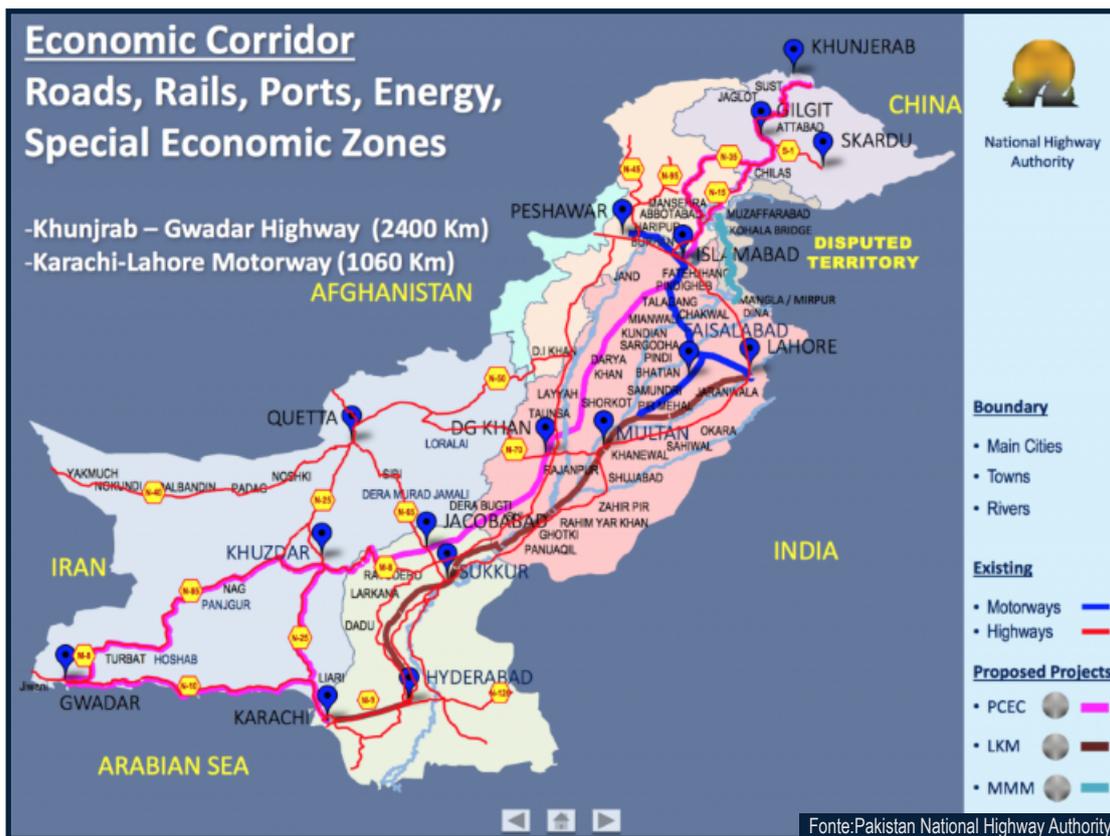
no Afeganistão; e de um contraponto à relação sino-paquistanesa, sobretudo no tocante ao projeto Corredor Econômico China-Paquistão (CPEC, em inglês).

O Paquistão, por sua posição geográfica, serve de ponto de apoio logístico para as tropas da OTAN e dos EUA que atuam no Afeganistão. Ademais, estabelecer um relacionamento cordial com Islamabad pode ser uma estratégia mais branda para pressionar o país a lutar contra os grupos insurgentes baseados em seu território, que atuam ao norte do Afeganistão contra as tropas estrangeiras.

Vale notar a preocupação dos EUA com a ascendente proeminência da China no subcontinente, sobretudo após

o desenvolvimento do CPEC, que envolve um porto de águas profundas em Gwadar, no Paquistão. No geral, os EUA temem que por meio dos projetos econômicos do *Belt and Road Initiative*, Pequim aumente suas áreas de influência na Ásia, fato que pode questionar a posição hegemônica dos EUA no continente.

Nota-se que o CPEC reflete mais um campo de disputa no contexto da rivalidade global entre a China e os EUA, ao passo que Washington tenta retomar a influência de outrora na região. Contudo, cabe questionar se o Paquistão conseguirá elaborar uma política externa capaz de equilibrar esta balança para fomentar um movimento pendular e benéfico diante deste cenário.



SUDESTE ASIÁTICO & OCEANIA

Vulnerabilidade no projeto submarino australiano: possível quebra de contrato?

Thayná Fernandes

No início do ano, o governo australiano precisou lidar com mais uma adversidade no andamento do projeto para renovação de sua frota de submarinos: a empresa francesa *Naval Group*, responsável pelo programa, solicitou 15 meses de extensão do prazo previsto para entrega do *design* das embarcações. Uma extensão de nove meses no projeto já havia sido negociada entre a empresa e Camberra, mas não foi respeitada.

Em 2016, a Austrália anunciou a renovação da frota de submarinos da classe *Collins* que têm vida útil estimada até meados de 2030; foram avaliados projetos

de Alemanha, França e Japão e, alguns meses mais tarde, a empresa francesa *Naval Group*, a mesma do programa submarino nuclear brasileiro, foi vitoriosa. Na época, estabeleceu-se contrato de US\$ 35 bilhões que garantia a construção de 12 submarinos convencionais, cuja realização deveria ser feita em território australiano, gerando empregos localmente e desenvolvendo a economia de Defesa nacional, além de capacitar profissionais do país com a transferência de tecnologia. Ademais do projeto do submarino, lançou-se também o objetivo de construir mais 12 navios-patrolha *offshore* »

em 2018 e, em 2020, mais 9 fragatas.

O Escritório de Auditoria Australiano foi designado para avaliar o projeto do submarino, pois, em 2019, o custo estimado aumentou para cerca de US\$ 54 bilhões e o de manutenção para US\$ 98 bilhões até 2080. Em fevereiro do ano passado, a assinatura do “Acordo de Parceria Estratégica” entre o setor de Defesa e a companhia responsável pelo comissionamento das embarcações foi realizado. Neste documento, dentre outros aspectos, estabeleceu-se a possibilidade de Camberra romper o contrato em caso de atraso na entrega ou em falha na capacidade prometida dos submarinos. Apenas nos custos com *design*, a comissão de auditoria

constatou que foram gastos cerca de US\$ 265 milhões, quase metade do orçamento total até setembro de 2019, e não foi entregue a tempo.

Mesmo com avanços no setor, a grande preocupação do país está na conclusão do projeto submarino: especialistas da comissão de auditoria acreditam que seria melhor se o país tivesse um plano alternativo no caso de falha de entrega pela *Naval Group*. A tensão se apresenta principalmente pela dificuldade de viabilizar a extensão da vida útil da classe em operação atualmente e o possível *gap* na defesa submarina do país, deixando-o vulnerável e dependente de apoio externo.

ÁRTICO & ANTÁRTICA

Expedição dos navios russos: 200 anos da descoberta da Antártica

Ana Carolina Lahr

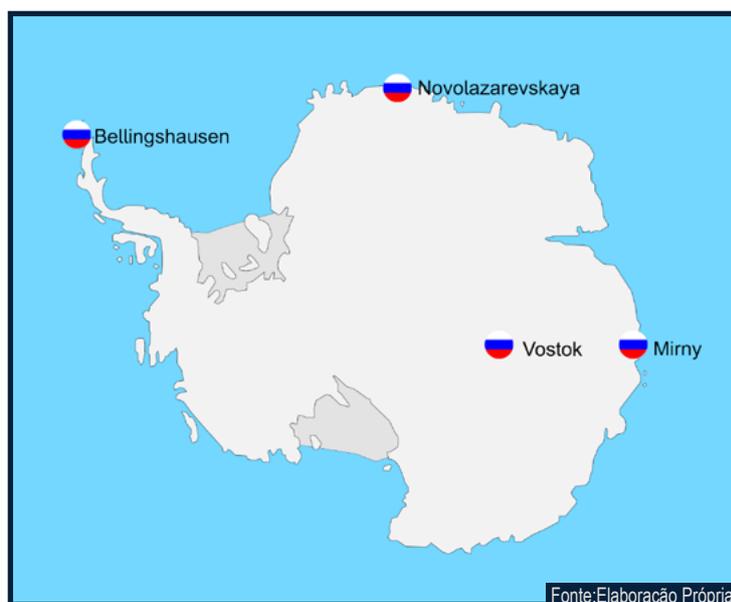
O dia 28 de janeiro de 2020 marcou os 200 anos da descoberta da Antártica pela Rússia. O governo russo, em comemoração a esta data histórica, organizou uma expedição conjunta do Ministério da Defesa e da Sociedade Geográfica da Rússia ao redor do mundo e declarou 2020 como o ano da Antártica no país. Essa expedição, iniciada em 1º de novembro com a frota de treinamento da Agência Federal de Pesca da Rússia, que conta com 3 veleiros — *Sedov*, *Kruzenshtern* e *Pallada* —, conta também, de acordo com o Comandante da Marinha Russa, Almirante Nikilay Evmenov, com a participação de vários navios oceanográficos e hidrográficos. A expedição abrange diversos portos, em sua maioria portos decorrentes do percurso dos marítimos russos em 1820. Isto posto, embarcações russas já passaram pelo Brasil. Entre os dias 10 e 15 de janeiro de 2020, esteve no Rio de Janeiro o navio de pesquisa oceanográfica da Marinha da Rússia *Admiral Vladimirsky*, e entre 22 e 25 de janeiro, o veleiro *Kruzenshtern*.

Após sair do porto de Montevidéu, em 21 de janeiro, o *Admiral Vladimirsky* seguiu para a Antártica para eventos comemorativos na estação antártica russa de *Bellingshausen*, localizada na Ilha Rei Jorge. Os membros da expedição planejam estudos oceanográficos e meteorológicos nos mares próximos à Antártica, além de atualizar algumas das cartas de navegação da região.

Em 1820, por determinação do Czar Alexander I, exploradores russos liderados pelo Capitão Fabian Bellingshausen e o Tenente Mikhail Lazarev, nos navios *Vostok* e *Mirny*, efetivamente avistaram o novo

continente, próximo de onde fica hoje a estação científica russa de *Novolazarevskaya*. O país possui quatro estações permanentes de pesquisa, sendo que a de Vostok, localizada bem no interior do continente, é a que detém o recorde de menor temperatura do planeta, $-89,2^{\circ}\text{C}$, registrado em 1983.

Este é um evento de grande significado geopolítico, pois reforça a posição da Rússia como protagonista perante o sistema internacional. Mesmo sendo um país ártico, os russos sabem que um continente das dimensões e riquezas da Antártica não permanecerá destinado somente à ciência internacional para sempre. A conclusão dessa expedição e das comemorações pelos 200 anos está programada para dezembro de 2020.



- ▶ [Gulf of Guinea: fighting criminal groups in the Niger Delta is key to defeating piracy](#)
ECONOTIMES, Dirk Siebels
- ▶ [Venezuela's Problem Isn't Socialism](#)
FOREIGN AFFAIRS, Moisés Naím e Francisco Toro
- ▶ [Preventing the Death of the World's Rivers](#)
PROJECT SYNDICATE, Brahma Chellaney
- ▶ [Refocusing the China debate: American allies and the question of US-China "decoupling"](#)
BROOKINGS, Lindsey Ford
- ▶ [In challenging China's claims in the South China Sea, the US Navy is getting more assertive](#)
DEFENSE NEWS, David Larter
- ▶ [Tech Wars Are Complicated and Hard to Win](#)
GEOPOLITICAL FUTURES, Phillip Orchard
- ▶ [Today's Arctic Diplomacy Can't Handle Tomorrow's Problems](#)
DEFENSE ONE, Abbie Tingstad
- ▶ [Navy EA-18G Teamed With Two Other Growlers Flying Semi-Autonomously As Loyal Wingmen](#)
THE DRIVE, Joseph Trevithick e Tyler Rogowayfeb

CALENDÁRIO GEOCORRENTE

FEVEREIRO

- 14-16** Conferência de Segurança de Munique
- 21** Eleições parlamentares no Irã

MARÇO

- 01** Posse do presidente uruguaio, Luis Lacalle Pou
- 02** Eleições legislativas em Israel
- 02** Eleições gerais na Guiana
- 05** 178ª Reunião da OPEP
- 18-19** Cúpula do Belt and Road, em Dubai
- 22** 85 anos da Liga Árabe
- 18-27** Exercício naval MILAN 2020, na Índia
- 26** Referendo de reforma de sistema eleitoral nas Malvinas
- 26-27** Reunião do Conselho Europeu

- **Cenário regional de incertezas: desafios para Chile e Bolívia**

[Aumenta el rechazo al mundo político a los tres meses de la crisis en Chile](#). El País, 18 jan. 2020. Acesso em: 25 jan. 2020
[Bolívia: anatomía de un derrocamiento](#). El País América, 21 jan. 2020. Acesso em 08 fev. 2020.

- **Aliança do Pacífico: um panorama da possível inclusão equatoriana**

SALDAÑA, Ivette. [Inicia ronda de negociación México-Ecuador para Acuerdo de Integración Productiva](#). El Universal, 04 fev. 2020. Acesso em: 08 fev. 2020.

ARDILA, Martha. [Ecuador y la Alianza del Pacífico: geoestrategia y desafíos](#). Nueva Sociedad, abr. 2018. Acesso em 08 fev. 2020.

- **Quarto porta-aviões classe Gerald Ford é batizado em meio a atrasos em sua construção**

GAINES, Patrice. [Navy names next aircraft carrier after Doris Miller, Pearl Harbor hero](#). NBC News, 31 jan. 2020. Acesso em: 08 fev. 2020.

LARTER, David. [The carrier Ford is trying to shake years of controversy and find its groove](#). Forbes. 30 de jan. de 2020. Acesso em: 08 fev. 2020.

- **Dez anos depois: o Haiti que permanece quase igual a antes**

CHARLES, Jacqueline; TORRES, Nora Gámez. [U.S. demands firm date for next round of elections in Haiti](#). Miami Herald, 23 jan. 2020. Acesso em 06 fev. 2020.

GARCÍA, Jacobo. [Las lecciones de Haití](#). El País México, 12 jan. 2020. Acesso em: 06 fev. 2020.

- **Os reflexos imperialistas na região insular ao norte do Oceano Índico**

ZILBER, Ariel. [Pentagon sends six B-52 strategic bombers to military base on Diego Garcia that is beyond the range of Iran's ballistic missiles to prepare to hit Tehran if given the order](#). Daily Mail, 07 jan. 2020. Acesso em: 23 jan. 2020.

DOWARD, Jamie. [UK could forfeit security council seat over Chagos Islands dispute, former diplomat claims](#). The Guardian, 05 jan 2020. Acesso em: 23 jan 2020.

- **Reino Unido de volta ao tabuleiro internacional**

CHUTER, Andrew. [What keeps Britain's defense secretary up at night?](#) Defense News, 13 jan. 2020. Acesso em: 25 jan. 2020.

SLOAT, Amanda. [Brexit endgame: Brexit nears, Northern Ireland assembly reconvenes, and Megxit distracts](#). Brookings, 13 jan. 2020. Acesso em: 25 Jan. 2020

- **O “Acordo do Século” de Trump e sua capacidade de fomentar mais instabilidade na região**

[Organisation of Islamic Cooperation rejects Trum peace plan](#). Al Jazeera, 03 fev. 2020. Acesso em: 06 fev. 2020.

ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA. [Peace to Prosperity A Vision to Improve the Lives of the Palestinian and the Israeli People](#). The White House, 28 jan. 2020. Acesso em: 05 fev. 2020.

- **Disputa marítima entre Marrocos e Espanha**

RODRÍGUEZ, Antonio. [Marruecos desafía a Sánchez apropiándose de aguas en disputa cerca de Canarias](#). Vozpópuli, 21 jan. 2020. Acesso em: 05 fev. 2020.

[Tropic, el volcán submarino por el que pelean España y Marruecos](#). Nius, 24 jan 2020. Acesso em: 6 fev. 2020.

- **O DEFENDER-Europe 20 e as tensões entre a Rússia e o Ocidente**

MCDERMOTT, Roger. [Moscow Reacts Warily to NATO's Largest Military Exercise in 25 Years](#). Jamestown Program, 29 jan. 2020. Acesso em: 07 fev. 2020.

NILSEN, Thomas. [These two warships are now on their way for missile drill near Norway's northernmost gas-pipeline to Europe](#). The Barents Observer, 02 fev. 2020. Acesso em: 07 fev. 2020

- **China se torna a segunda maior fabricante de armamentos do mundo**

[New SIPRI data reveals scale of Chinese arms industry](#). SIPRI, 27 jan. 2019. Acesso em: 03 fev. 2019.

WONG, Catherine. [China is estimated to be the world's second largest arms maker after US](#). South China Morning Post, 27 jan. 2019. Acesso em: 03 fev. 2019.

- **Protegendo um gigante: o contratorpedeiro classe Type 055 Nanchang lançado ao mar**

TATE, Andrew. [Chinese navy's first Type 055-class destroyer enters service](#). Jane's, 13 jan. 2020. Acesso em: 23 jan. 2020.

GADY, Franz-Stefan. [China's Navy Commissions First-of-Class Type 055 Guided Missile Destroyer](#). The Diplomat, 13 jan. 2020. Acesso em: 21 jan. 2020

- **Paquistão sob a rivalidade sino-americana**

AAMIR, Adnan. [Pakistan and CPEC Are Drawn Into the U.S.-China Rivalry](#). James Town Foundation, 17 jan. 2020. Acesso em: 23 jan. 2020.

[US on CPEC](#). Dawn, 23 jan. 2020. Acesso em: 23 jan. 2020.

- **Vulnerabilidade no projeto submarino australiano: possível quebra de contrato?**

GREENE, Andrew. [Australia now world's second biggest weapons importer behind only Saudi Arabia: analysts](#). ABC News, 29 set. 2019. Acesso em: 22 jan. 2020.

ROBERTS, Katabella. [Australian Defence Force Advised To Walk Away From Costly Future French Submarine Project](#). The Epoch Times, 15 jan. 2020. Acesso em: 20 jan. 2020.

- **Expedição dos navios russos: 200 anos da descoberta da Antártica**

ARCHUS, Dorian. [Russian Navy to Conduct Round-the-World Oceanographic Expedition](#). Naval News, 02 dez. 2019. Acesso em: 30 jan. 2020.

[The Government of the Kaliningrad region discussed the round-the-world expedition of Rosrybolovstvo sailing fleet](#). Russian Sails 2020, 02 dez. 2019. Acesso em: 30 jan. 2020.